

Torga, o “geófago insaciável”

 <https://doi.org/10.21814/anthropocénica.5873>

Isabel Ponce de Leão
Universidade Fernando Pessoa
Portugal
blepl13@gmail.com
ORCID: 0009-0001-1965-0092

Resumo

Explora-se neste artigo a interconexão entre literatura e meio ambiente, destacando a obra de Miguel Torga. Tomando por base o mito de Anteu, mostrar-se-á como Torga se renova através do contacto com a terra, especialmente em Trás-os-Montes. A sua poesia reflete um profundo sentimento telúrico, onde a natureza é uma entidade vital que nutre o ser humano. O autor enfatiza a responsabilidade de preservar o meio ambiente, promovendo um ecocentrismo que valoriza a harmonia entre cultura e natureza. A obra de Torga é apresentada como um convite à reflexão sobre sustentabilidade e respeito pela terra.

Palavras-chave

Torga, Telurismo, Anteu, Ambiente, *Diário*.

Abstract

This article explores the intricate relationship between literature and the environment through the works of Miguel Torga. Drawing on the myth of Anteu, it illustrates how Torga finds renewal in his connection to the land, particularly in Trás-os-Montes. His poetry embodies a profound teluric sentiment, where nature is portrayed as a vital force nourishing humanity. Torga emphasizes the importance of environmental preservation, advocating for an ecocentric perspective that harmonizes culture and nature. Ultimately, his work serves as a compelling invitation to reflect on sustainability and the necessity of respecting the Earth.

Keywords

Torga; Telurism; Antaeus; Environment; Diary.

O mito de Anteu, para mim, vai
até às entranhas da terra.
Miguel Torga

Compreender as relações literatura / meio ambiente é abandonar uma abordagem conceptual de discrepâncias entre as duas áreas do saber e perseguir uma outra, de natureza cultural, vocacionada para as linhas fronteiriças – tangenciais e interseccionais –, a leitura relativa, a reinterpretação de diferentes teorias ambientais e as questões ideológicas que obviarão o carácter também documental das sintagmáticas narrativa e poética. William Rueckert (1978) aflorou este problema que viria a ser claramente desenvolvido e legitimado por Glotfelty e Fromm, em *The Ecocriticism Reader* (1996). Se o

ambiente, enquanto *habitat* agrega agentes físicos, biológicos e químicos que produzem efeitos sobre os organismos vivos, estes, mais seriamente, numa hierarquização promovida pela autoridade das sociedades europeias sobre a natureza, reúnem capacidades que oscilam entre a destruição e a salvação, ou a elegia e o desprezo. À otimização das relações entre o ser humano e o ambiente junta-se a necessidade de dar voz profunda a uma natureza silenciada e à sua relação com o mundo exterior cedendo a perspectiva homocêntrica lugar à ecocêntrica, na construção do espaço extrínseco tomado pelos lugares e pelas idiossincrasias contextuais.

O século XXI tem privilegiado a complexa interdisciplinaridade originária na premissa ecológica, que postula indissociável a propriedade estética de uma obra do seu contexto – político, económico, social e, obviamente, ecológico –, de que dão conta ensaios como *Primavera Silenciosa* (2023) de Rachel Carson e ficções como *Natureza Urbana* (2023) de Joana Bértholo ou *A última Floresta* (2024) de Yann Martel (refiro-os a título de mero exemplo dentro de uma vasta gama disponível). Contudo, esta preocupação, atualmente viva e explícita de dar voz à natureza pondo-a em conexão com o exterior, parece-me ser multissecular ainda que, as mais das vezes, se presentifique de forma mítica e lendária.

Evoco Anteu, o gigante grego, filho de Posídon e Gaia, também eternizado por Dante Alighieri, aquele que, lá no deserto da Líbia, renovava forças cada vez que tocava o solo, só vencido por Hércules quando este o ergueu nos braços impedindo o contacto com a terra; penso no Miguel Torga do *Diário*, habitante do torrão de fragas mas também do mundo, que devorava “planícies como se engolisse bolachas de água e sal” e se atirava “às serranias como à broa da infância” (p. 890); retemperando as suas energias sempre que contacta com a terra-mãe, disso dá conta em poemas como “Regresso” (2000, p. 616)¹ ou “S. Leonardo de Galafura” (p. 987), onde o sentimento telúrico, que adiante referirei e que dificilmente se dissocia do mito de Anteu, é por demais evidente. São suas as palavras que, explicitamente, sustentam esta constatação: “De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova, sem me esquecer, evidentemente, de reduzir o tamanho do gigante à escala humana, e o corpo divino da Terra olímpica ao chão natural de Trás-os-Montes (p. 1145). Reitera esta posição, numa feição quase antropomórfica em “Comunicado”: “(...) Filho da Terra, minha mãe amada, / É ela que levanta o lutador caído. / Anteu anão, / Toco-lhe o coração, / E ergo-me do chão / Fortalecido” (Torga, 2000, p. 648).

Porque “Pela maneira como um povo enriquece ou empobrece os símbolos pode medir-se o grau da sua valência intelectual” (p. 602), Miguel Torga, ciente de que “Comer terra é uma prática velha do homem” (p. 890),

¹ Sempre que citar palavras do *Diário* de Miguel Torga, refiro apenas as páginas remetendo para a edição referenciada na bibliografia final.

assume o seu papel ativo de sujeito da cultura, revivifica os mitos e procede à sua releitura; ao veicular, através deles, algumas das suas principais preocupações, confere-lhes um pessoalíssimo carácter utilitário.

É, precisamente, ao mito de Anteu que anda ligado o sentimento dito telúrico que, em Miguel Torga, é um nó simbólico que se inscreve e, subliminarmente, inventa a natureza; de facto, a paisagem não é só uma realidade substancial, outrossim uma evocação, um apelo interior harmonizador da materialidade de um lugar e da voz interior que o observa. O telurismo torguiano resulta, precisamente, da interação de dois registos discursivos: o da linguagem da natureza e o dessa voz interior que sugere imagens internas do observador de que "A Palavra" dá conta:

Falo da natureza.
E nas minhas palavras vou sentindo
A dureza das pedras,
A frescura das fontes,
O perfume das flores.
Digo, e tenho na voz
O mistério das coisas nomeadas.
Nem preciso de as ver.
Tanto as olhei,
Interroguei,
Analisei
E referi, outrora,
Que nos próprios sinais com que as marquei,
As reconheço agora. (p. 1062).

"Palavra" é demonstrativo do papel da natureza enquanto pretexto de reflexão, fator de múltipla integração, ou mesmo elemento constitutivo de uma unidade cuja função será apor, de forma dinâmica, o sagrado e o profano, mais bem dito, o ambiente e o ser humano. Trata-se ainda de uma auscultação das vozes da terra num processo de partidas e chegadas mais ou menos errantes; procurando e interagindo com o meio, o poeta encontra-se e justifica a sua existência projetando-se na pureza iniciática do torrão que o viu nascer e que pretende preservar.

A fidelidade às raízes consubstancia uma intrínseca independência de espírito, marca distintiva da sua originalidade, desde logo patente no nome-mito, escolhido e justificado em *A Terceira Voz* (1934), obra em que o prefaciador Adolfo Rocha toma o nome literário de Miguel Torga, sendo esta a *erica lusitânica*, a urze do monte que, num processo rizomático, penetra a rocha árida e a percorre com as suas raízes.

Por isso a natureza / terra é, sobretudo, S. Martinho de Anta e toda a região de Trás-os-Montes, que "não é uma paisagem: é uma fisiologia" (p. 1317), onde ciclicamente regressa para se revitalizar. É em "Regresso" que a natureza festeja a sua chegada – "Cantava cada fonte à sua porta: / O Poeta voltou!" (p. 616) –

como se, em contacto com ele se sublimasse, sublimando-o também. Numa recuperação do mito de Anteu, o retorno às fragas e a S. Martinho de Anta que “não é um lugar onde, mas um lugar de onde...” (p. 1150), restitui forças ao homem e ao poeta para que continue a sua caminhada. Nela ganha especial relevo o Negrilho, a árvore centenária, “vulto desse tamanho megalítico (...) omnipresença moral (...) espelho de claridade” (p. 1059), com quem o poeta se identifica, considerando-o o “mestre da inquietação serena” (p. 519). Por tudo se sente devedor desta paisagem que o alimenta e que norteou o seu crescimento:

O pouco que sou devo-o às fragas. Foi a pisá-las que aprendi a conhecer a dureza do mundo e a admirar o ímpeto que se não resigna à lisa sonolência duma paz interior espalmada. A inquietação da terra vê-se nos montes. Sem eles, quem daria aos homens o permanente exemplo da sublevação natural que há no espírito da própria vida? (p. 704).

Destarte transfere para a natureza a responsabilidade da sua existência, superiorizando-a à dimensão humana apesar do manifesto processo interativo. Terra é alimento do homem que a venera e com ela convive numa harmonia reverenciadora porque salvífica.

Note-se, contudo, que não é só a S. Martinho de Anta que se devota o arrebatamento telúrico de Miguel Torga. Se é aí que, simbolicamente, recupera forças, é o país inteiro e, porventura, todo o mundo que o enraízam numa índole que, sendo nacional, é também universal. Sobre a sua pátria e o amor que lhe consagra quando a calcorreia afirma: “Sou dos poucos portugueses que se podem gabar de, sempre que como tal se identificam, o serem de Portugal inteiro”. (p. 1510). Considerando-se “um geófago insaciável” (p. 890), confessa: “Empanturro-me de horizontes e montanhas, e quase que me sinto depois uma província suplementar de Portugal” (p. 890).

Do Minho ao Algarve, não esquecendo as Ilhas, são recorrentes os estados de êxtase e alguns de desespero que as inúmeras viagens que faz lhe propiciam. Da Europa à Ásia, passando pelos outros continentes, repetem-se os mesmos estádios, numa identificação plena com as terras por onde passou e das quais acaba por se sentir elemento integrante, afirmando: “Os portugueses de quinhentos deixavam padrões nos lugares que descobriam. Eu deixo pedaços de mim” (p. 770).

Assim, a terra, em que Anteu tocou, pode ser a transmontana como a brasileira, como a da pátria mítica das suas memórias mais ou menos pessoais, em que o presente dialoga com o passado numa perspetiva universal, porque “Cada homem tem a sua harmonia específica – conjunto de valores que às vezes ele próprio ignora, mas defende com unhas e dentes. A minha é o resultado da integração do universal no cerne desta paisagem austera.” (p. 750)

De todos os espaços referenciados, ganha especial relevo a cidade de Coimbra “cenograficamente a mais sedutora e humanamente a mais

desenraizada de Portugal" (p. 1564). Com ela mantém o poeta uma relação de extremos sobrelevando o elemento paisagístico em detrimento do humano porque o considera "seco, estéril e hostil" (p. 523); assim se afasta dos valores paradigmáticos que, habitualmente, se ligam a esta cidade. Metamorfoseando-a em mulher, denuncia a sedução e a repulsa que sobre ele exerce: "Esta Coimbra é assim. É como certas mulheres, já sem mistério, que não sabem fazer nada, que não sabem dizer nada, mas com quem a gente vive e conversa a vida inteira. [...] É mesmo este amor doméstico que me apetece." (p. 82) ou "Coimbra é como certas viúvas resignadas: vive com muita economia do pequeno Montepio espiritual que o passado lhe deixou..." (p. 828).

Mesmo criticando o marasmo em que a cidade se deixou cair sob a égide protetora de uma Universidade anacrónica "solene e catedrática" (p. 460) "onde a penúria mental tem o seu caldo e o seu pão" (p. 577), reconhece-a, contudo, como o lugar onde acaba sempre "por vir dormir" (p. 82), o único onde pode ser poeta sem qualquer tipo de restrições, por uma certa cumplicidade que com ela estabelece. Microcosmos protetor, abre-se para o mundo, impelindo o poeta a estabelecer analogias elogiosas: "S. Martinho foi o lugar onde. Coimbra o centro desse mundo misterioso e apaixonante que de lá perspetivei." (p. 1683). De facto, vai notando que uma certa mesquinhez do ser humano não inviabiliza o honesto rumorejar dos choupos, dos cedros e dos plátanos na Lapa ou no Choupal, nem detém o serpentinato do Mondego cristalino disseminando ar puro da Estrela até à Figueira da Foz.

Idêntica postura mantém em relação à Ibéria, "verdadeiro continente [...] de nações unidas pela mesma fatalidade geográfica e por uma teia de cruzamentos históricos" (p. 1475). Mostrando ainda certas desconfianças em relação a Espanha, porventura heranças de preconceitos ancestrais, os tais "reflexos condicionados latentes no [...] subconsciente que a linha divisória desperta", e revelando mesmo algum desconforto pelo seu "poder crescente" (p. 1770), reconhece o "amor pertinaz" (p. 1945) que lhe devota, porque, derrubadas barreiras geopolíticas, Portugal e Espanha são uma só pátria / matéria cultural e ambiental, com antecedentes históricos comuns geradores de uma profunda fraternidade, que comungam da dita "fatalidade geográfica". O diálogo ibérico que mantém ao longo da sua obra e, muito particularmente, em *Poemas Ibéricos*, é vestigiado também ao longo do *Diário* onde, a dado passo, afirma:

A minha humanidade tem agora as dimensões da Península, com todas as contradições que a dilaceram harmonizadas. Vou do realismo minhoto ao misticismo castelhano, do transbordamento andaluz à contensão asturiana, da resignação galega à insubmissão catalã, sem tropeções. Sou outro homem. Ou o mesmo, esquecido de Aljubarrota e do tratado de Tordesilhas." (p. 959)

É, sobretudo, um homem que olha o ambiente como um todo sem as fraturas de antanho antes unido na proteção do devir.

Mas se a terra é sinónimo de acolhimento e de ensinamento, a quem, recorrentemente, o poeta rende o preito de que se sente devedor, o mar e a água, sangue que corre nas veias da terra e de que esta se alimenta, têm, de igual forma, uma presença significativa, tornando-se numa basilar imagem da vida. É o próprio que o diz quando, contemplando as ondas do mar, concede que o seu “telurismo é oceânico” (p.1566), assim deixando os sentidos embalarem-se pelo seu fascínio. O mar surge como “O coração do mundo” (p.121), a “Velha inquietação” (p. 265) cuja grandiosidade, sobretudo quando “desesperado / A bramir e a lutar” (p. 274), o fascina; por isso o consente também como “Sepultura sonora” (p. 399) sem, contudo, deixar de ser eco de momentos felizes da juventude, admitindo-o como “A única planície que verdadeiramente [...] serve” (p. 564) porque genuína e cristalina.

Tudo isto o leva, não sem algum desdém, a afirmar: “Os que falam do meu telurismo, nem de longe imaginam o fascínio que sinto pelas ondas. Nasci, de facto em terra firme. Mas sou anfíbio, carnal e espiritualmente” (p. 1595). Esta quase obsessão pelo mar é-o também pela água dos rios (o Douro e o Mondego com especial ênfase), dos lagos e das fontes que ganha feições fortemente metafóricas sugerindo a viagem, a poesia, o sonho, a mocidade, a morte, contida em “Requiem por mim” (p. 1786), e também a terra enquanto sua seiva e espaço único de sobrevivência.

É, afinal, a simbiose do mar e da terra que enforma o mundo natural que em Torga, além de matéria poética, é também função de uma linguagem poética – “Quando a serra e o mar se juntam, não há nada a fazer nem a dizer. Com fragas e ondas, a vida fica tão perfeita, que seria uma estupidez intervir.” (p. 467) – sendo disso um claro exemplo o excelente poema “S. Leonardo de Galafura” (p. 987). A preservação deste mundo natural é preocupação sistemática, implicitamente expressa ao longo de toda a obra.

A natureza tem, ao longo do *Diário*, uma presença material. Sendo mais fruto dos sentidos que do intelecto, surge inspirada em situações concretas de contemplação dos diversos *topoi*– Algarve, Macau, Brasil, Marão, Alentejo, Trás-os-Montes, África, Espanha, Mar... – gerando, não raro, divagações transcendentais. Através delas fica demonstrado que o local é universal e que, por outro lado, o universalismo advém de experiências particulares que gizam uma perspetiva global e glocal em que o ambiente se impõe como entidade prioritária.

Erguem-se paisagens de terra e de mar, monumentos imutáveis e inamovíveis erguidos como réplicas de uma pátria sem tempo nem lugar no mapa da memória, questionados pelo poeta para melhor se entender a si na decifração do seu enigma e do enigma do mundo. Mais que espaço geopolítico, mas tendo como modelo o espaço pátrio, a natureza é vida que respira e inspira todos os sentidos, num particular caso de antropomorfismo, bebido nos

tomistas sem cair em fabulários, onde a sensualidade reivindica o sentido de posse de que dá conta em "Orgasmo" (p. 513):

Deixa que eu te descubra, anónima paisagem,
Corpo de virgem que não amo ainda!
Fauno das fragas e dos horizontes,
Sonho contigo sem te conhecer...
Sonho contigo nua, a pertencer
Ao silêncio devasso e à solidão!
Num pesadelo, vejo amanhecer
O sol e o vento no teu coração!

E é um ciúme de Otelo que me rói!
Só eu não posso acarinhar a sombra
Do teu rosto velado!
Só eu vivo afastado
Dos teus encantos!
E são tantos
E tais,
Que eu não posso, paisagem,
Esperar mais!

Há, na expressão telúrica torguiana, uma matriz claramente universalista que, tendo a sua génese em S. Martinho de Anta, é também portugalidade, do interior à periferia, e iberismo, baseado este num diálogo de culturas, que, antes de se projetar para o resto do mundo, olha um outro, mais restrito, de cultura e ambiente lusófono, sobre o qual afirma:

Sou, por nascimento e cultura, europeu [...]. Mas sou também brasileiro, angolano, moçambicano, goês, macaense, cabo-verdiano, guinéu, timorense e cidadão de todos os mundos por nós descobertos e por descobrir, e vivo a sonhar um padrão português erguido neles em cada esquina (p. 1710),

um padrão, acrescento, onde a natureza límpida, mas comprometida se erga como estandarte.

Configurando toda a obra de Miguel Torga um caso de demanda de harmonia cósmica, esta é, naturalmente, gerada numa comunhão telúrica que, ultrapassando preconceitos culturais, estabelece o diálogo entre o regional, o nacional e o universal como o poeta reitera: "Do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e, de Portugal, abrange-se o mundo" (p. 1337). Tal abrangência é dada, as mais das vezes, por um sentimento de comunhão com a terra que não se aparta de uma perturbação de sentidos:

Terra. / Quanto a palavra der, e nada mais. / Só assim a resume /
Quem a contempla do mais alto cume, / Carregada de sol e de pinhais.
// (...) // Terra nua e tamanha / Que nela coube o Velho-Mundo e o

Novo... / Que nela cabem Portugal e Espanha / E a loucura deste povo
(Torga, 2000, p. 691).

Se a preocupação ambiental tem vindo a crescer desde a segunda metade do século XX, igualmente a literatura se mostra cada vez mais empenhada na defesa e preservação do meio, pretendendo desvendar a sua complexidade através de uma diversidade textual cativante, conectada com questões ambientais, que recusa a depredação dos recursos naturais em nome do progresso, e sugere a adoção de uma *práxis* sustentável, de que dão conta, e.g., os acima mencionados Joana Bértholo, Rachel Carson ou Yann Martel entre muitos outros, sem desprezo para a poesia que, numa dimensão estética, procura o belo da natureza para veicular uma mensagem de veneração, consideração e apreço pela Terra de onde tudo emana, como se vê em poemas de Camões, Pessoa ou Torga ou dos mais recentes Gastão Cruz e Jorge de Sousa Braga

Este louvável empenhamento não oblitera o muito feito na ancestralidade. O já referido mito de Anteu bem como os mitos ctónicos mostram que a terra se superioriza ao ser humano provindo-o de forças para continuar o peregrinar mesmo na adversidade. A constatação da despreocupação ecológica tem vindo a sensibilizar o Homem que, também através das artes, demonstra uma preocupação cauta com o planeta que habita usando de várias linguagens. Há que as meditar. Sentir que nem tudo começou no século XX, mas que este despertou consciências adormecidas. Ainda estamos a tempo de, com Eros, apoiarmos Gaia no combate ao Caos, a Érebo e a Nyx e de privilegiar o ecocentrismo, postulado por Torga que se implicou em questões ambientais, através do belo e do magno sentimento telúrico que convida à reflexão sobre a relação entre o homem e o ambiente e o seu impacto no mundo natural. Assim alertou para o poder transformador da literatura na perseguição da sustentabilidade afirmado ao contemplar a paisagem: "Poema é toda a página aberta diante de mim, caligrafia da esperança e de calma" (Torga, 2001, p. 96). O homem e o meio imbricados e uníssonos, da superfície às entranhas.

Referências

Glotfelty, C. & Fromm, H. (ed.). (1996). *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*. University of Georgia Press.

Rueckert, W. (1978). Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. In *Iowa Review* 9(1): 71-86.

Torga, M. (2001). *Ensaios e Discursos*. Publicações Dom Quixote.

Torga, M. (2000). *Poesia Completa*. Publicações Dom Quixote.

Isabel Ponce de Leão
"Torga, o "geófago insaciável"

Torga, M. (1999). *Diário* (2 vol). Publicações Dom Quixote.